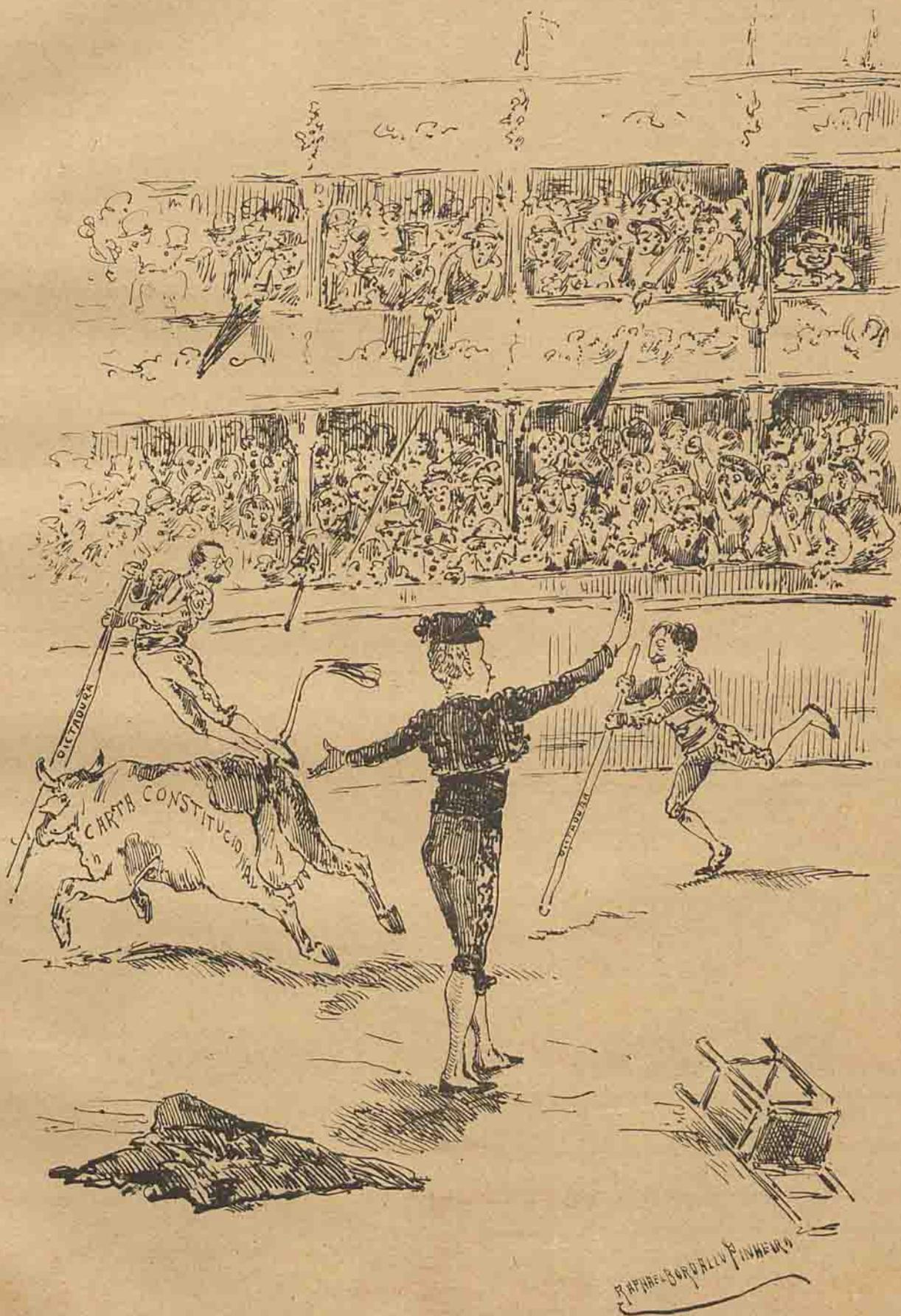


A SORTE DE CADEIRA



Havendo a imprensa da opposição levantado grande celeuma por sua alteza ter jurado de pé, quando o devera fazer sentado, o principe vê-se obrigado a fallar ás massas, para serenar os animos :
 — Peço desculpa ao publico illustrado! E' verdade que não fiz a sorte de cadeira, mas, em compensação, o meu governo já saltou e continua a saltar á vara larga sobre a vacca constitucional!...

DAS CALDAS

Estamos chegados ao extremo da estação thermal de 1886. D'aqui a pouco a villa cahirá na sua monotonía d'inverno. Adeus banhistas! Adeus forasteiros! Adeus elegancia! Adeus namoros! Adeus valsas do Club! Adeus ó tudo!...

Adeus viagens loucas até ao castello d'Obidos! Adeus *pic-nics* vertiginosos sobre as arcias da Foz! Adeus delirios de cavacas e trouxas d'ovos! Adeus ó praça! Adeus ó presos da cadeia! Adeus Pimentel! Adeus!...



Adeus Pimentel!...

Aqui está um que vae recolher depressa a bastidores, a sorrir, a fallar entre dentes, a esfregar as mãos, saracoteando-se, contente de si, contente da sua victoria, contente do seu triumpho...

Porque Pimentel é um triumphador! Porque Pimentel triumpha de tudo e de todos. Nós julgamos que nos estamos a rir de tudo quanto elle faz—e afinal é elle que se vae rindo de tudo quanto nós fazemos!



Elle resiste á *blague* dos chronistas; elle resiste á chalaça do lapis; elle resiste ao descontentamento do Club; elle resiste á indignação dos banhistas; elle resiste aos lamentos dos pobres; elle resiste a tudo, ás troças, ás tareias, aos bons modos, a todos os principios de civilidade, a tudo; a tudo elle resiste, á agua que afoga, ao fogo que queima e ao chá do Club que mata!



Convidem-n'o para walsar—e elle resiste a uma walsa. Convidem-n'o para comer—e elle resiste a uma indigestão. Convidem-n'o para melhorar o hospital, para melhorar a sorte dos doentes, e elle a tudo resiste, e elle tudo vence, a rir, a rir, positivamente a rir de nós todos, das raticiras que lhe armamos, e das coisas a serio que lhe dizemos...



Porque será? Porque será que Pimentel é invencível? Porque será que Pimentel é um triumphador?

Não terão razão os chronistas para as suas *blagues*? Teem. Não terá razão o lapis para as suas troças? Teem. Não terá razão o Club quando está descontente, os banhistas quando estão indignados, os pobres quando se lamentam? Teem, teem e teem!

Então que mysterio é este, que segredo é este que faz de Pimentel o triumphador do seculo?

Ah! os senhores querem saber? Pois sigam Pimentel. Para onde dirige Pimentel seus passos, alta noite, embrulhado n'uma capa cõr de muro, o ar fatal e conspirador? Para onde? Para onde te diriges, ó vulto, ó sombra, ó mysterio? Para onde, ó charada, ó charada novissima, ó logogripho, ó enigma pittoresco? Para onde?!

E a voz do mysterio responde:—«Para uma loja de bilhetes de visita!»—E o ecco repete, e repetem montes, e repetem valles, e as vozes do oceano, e as vozes do deserto:—Para uma loja de bilhetes de visita!»

Porque é com bilhetes de visita, que elle triumphou. Porque deita o cartão a tempo, porque dobra o cartão a tempo, porque puxa a tempo o botão da campainha, porque sorri a tempo, porque se curva a tempo, porque se descobre a tempo diante d'aquelle que o pode proteger contra a chronica, contra o lapis, contra o Club, contra os banhistas e os lamentos dos doentes...

O bilhete de visita! Eis a sua arma, a sua força, a sua polvora e o seu chumbo... O bilhete de visita! Eis o segredo das suas victorias, o mysterio das suas façanhas.



Querem um conselho, para 1887? Evitem que elle mande fazer cartões, evitem que elle possa ser amavel para com aquelles de quem elle depende—e as Caldas serão alegria, e o Club será divertido, e o hospital será decente, e as agúas terão virtude, e Pimentel será um homem util á patria, quando até hoje Pimentel tem sido apenas um homem inutil aos que soffrem e querem saude, aos que consomem dinheiro e querem gozar.

Tirem-lhe os bilhetes de visita, tirem-lhe as palavrinhas mansas, tirem-lhe o sorriso que prende e que commove—e nós promettemos d'aqui a um anno erguer-lhe um monumento feito de cavacas das Caldas



E Pimentel será então realmente grande!...

CHRONICA

Certa dona de casa requisitou n'uma das ultimas noites a intervenção da policia, por suspeitar de que, portas a dentro dos seus penates, se accommodava um numero de almas superior ao que dera ao manifesto no ultimo recenseamento da população...

E não se enganára, a boa da mulhersinha.

A policia, depois de procurar sem encontrar o suposto malfetor debaixo de todas as camas, foi dar com elle no reverso da medalha, isto é, precisamente em cima da cama da filha da queixosa, gosando á chucha callada o usufructo nocturno das caricias e dos lenções alheios...

Como é de suppor, o usufructuario foi d'ali direitinho para o calaboiço do governo civil, onde por certo não encontrou sombra de caricias—nem tão pouco de lenções...

Pensando com madureza sobre a *má dureza* da tarimba—como diria o nosso amigo Men... etc.—e confrontando escrupulosamente as duas metades d'aquella noite, chegou, de corolario em corolario, á convicção radical de que, o descanço d'um corpo—solitario—sobre a planura do pinho da terra, está muito inferior, na ordem dos passatempos nocturnos, ao repouso do mesmo corpo—bem acompanhado—sobre as anfructuosidades da palha de milho...

D'esta sensata observação resultou que o delinquente, quando mais tarde foi chamado á presença do sr commissario, declarasse solemnemente perante aquelle magistrado manter o proposito firme de entrar no dominio directo de todos os bens, direitos e acções de que até então só gosára o usufructo, remindo pelo casamento futuro os peccadilhos de algumas noites passadas, e sollicitando n'estes termos que o mandassem para a cadeia do matrimonio com a interferencia do prior da freguezia, em vez de o mandarem para a cadeia do Limoeiro com escala pelo juizo do sr. Firmino João Lopes...

Chegando ao epilogo da moralidade, está claro que o conto termina aqui, convindo entretanto observar que, se não fôra a proficiente vigilancia d'aquella dona de casa que apanhou o usufructuario com a bocca na botija, talvez elle nunca se resolvesse a entrar na posse absoluta da botija supracitada...



Coisa em tudo semelhante succedera uns dias antes com sua alteza o príncipe regente.

Ha cerca de dois mezes que sua alteza tinha a posse da Regencia, uma menina muito honesta e muito pura, a quem, segundo os preceitos da Moralidade e da Carta Constitucional da Monarchia, não é licito *possuir*, sem devidamente prestar juramento de fidelidade.

Ora, a despeito de tal prescripção, sua alteza ia fazendo ouvidos de mercador ás declamações da Carta e da Moralidade; e assim, talvez, continuaria ainda hoje, se a imprensa da opposição—qual outra mãe vigilante e cheia de pontinhos, que não quer concubinagens debaixo do seu tecto—não se pozesse a berrar pelo juramento como um bezerrito berra pela mãe ao vel-a partir para a venda do leite.

Foi assim que sua alteza—sem chegar ao extremo de ser preciso leval-o ao calaboiço da esquadra—resolveu afinal cumprir o juramento, o que effectivamente realisou no altar da representação nacional e aos regios pés de seu augusto papá, que do alto da parede o contemplava—devidamente pintado a oleo...

Sua alteza prestou o juramento nas mãos do sr. Fontes, que do alto do seu tosão igualmente o contemplava—da mesma fórma pintado a oleo...

Assim se cumpriu a prescripção do juramento, se bem que a opposição não dê ainda esse acto por inteiramente válido, visto como, determinando o programma que «sua alteza se assentaria na cadeira, collocada proximo da cadeira d'el-rei,» sua alteza se não assentou, naturalmente por muitos e mui ponderosos motivos—entre os quaes abundava decerto a razão de não ter cadeira...

Ora quando um programma annuncia que o espectáculo mette cadeira—quer se trate d'uma sessão parlamentar, quer d'uma toirada no Campo de Sant' Anna; quer o Fontes intelligente seja o Botas do juramento, quer o *intelligente* Botas seja o Fontes da corrida—o certo é que a obrigação do empresario é manter a integridade do programma, como o direito do publico é exigir o cumprimento do cartaz.

E o que dizia o programma do juramento?

Que sua alteza se assentaria.

Mas sua alteza não se assentou, de sorte que a opposição está dando sorte com a falta da sorte de cadeira...

Exactamente o que acontece no Campo de Sant' Anna, quando algum bandarilheiro pretende eximir-se áquella sorte... O publico protesta, quebra as bengalas contra a trincheira e não se cança de berrar, intinando o cumprimento do programma:

— *Silla! silla! silla!*...

E, sobretudo, não deve causar grande estranheza que o partido regenerador grite hoje a pedir—*cilha!*



quando ainda hontem o partido progressista gritava pedindo—*albarda!*



Só falta que o partido republicano peça—*cabeçada!*—para que o *animalsinho* fique vestido de ponto em branco...



Mas o partido republicano não pode pedir o que tem dado frequentemente:—muita *cabeçada!*



A SESSÃO DO JURAMENTO



O governo aconselhou S. A. a que fosse assim. E S. A. assim foi.



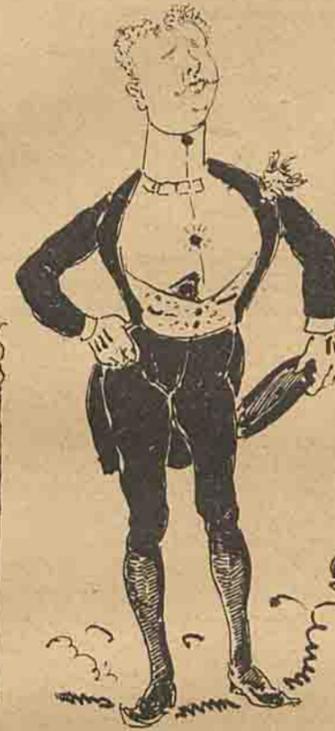
Mas os regeneradores tel-o-iam querido antes assim.



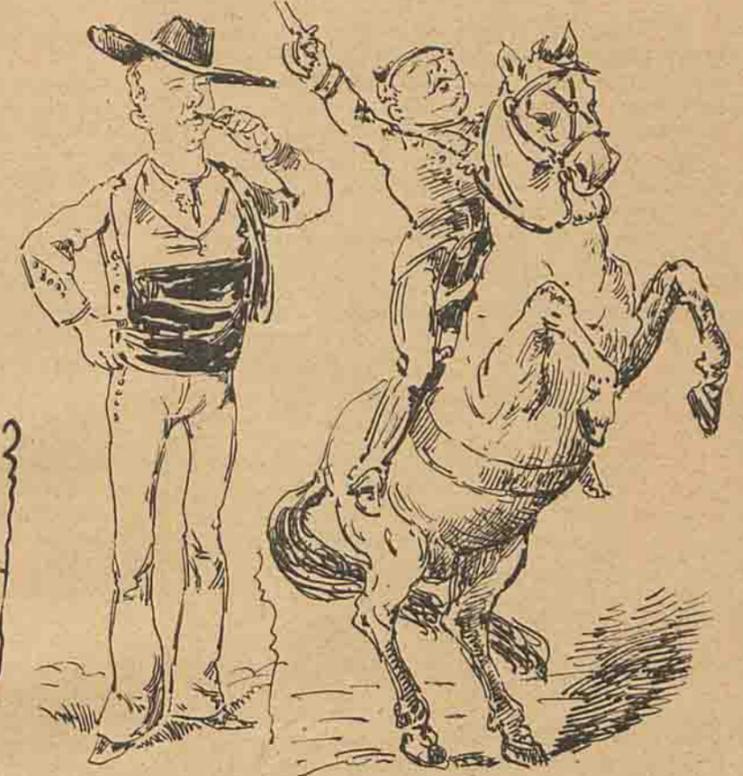
E assim o teriam ambicionado os republicanos.



E assim, burguezmente, á catita, a sr.^a Baixa.



Mas o Turf-Club tel-o-ia preferido assim.



Sómente o Bairro Alto apresentava algumas objecções a essa toilette, bastante S. Carlos, mas muito pouco bairrista.

O que estava em desacordo com os projectos do commandante da guarda municipal.



Informações dignas do maior credito, permitem-nos assegurar que era este o plano do estofador Gardé.



E este o plano decorativo do sr. Peixe.



O que está em completo desacordo com os veneraveis desejos do Cabido da Sé.



E com a furia de réclame do 92 da rua Nova do Almada.



E do 103 da rua do Ouro.



Sómente os Pontos nos ii desejariam ter visto S. A. jurando mais á vontade, em accordo com a vulgaridade do recinto.



Com quanto Zé Povinho pense n'esta discussão de toilettes só a d'elle está ao gosto de todos quantos pensam dirigir os destinos da patria.

Jornaes progressistas e jornaes regeneradores—no mui louvavel empenho de só se occuparem de assumptos de interess geral—passaram dias da ultima semana a discutir a toilette com que sua alteza foi, e a toilette com que sua alteza devia ter ido. Esta sabia e importante discussão apesar de lançar uma grande luz sobre os talentos e modos de vestir de cada partido—deixa contudo na sombra aspirações, desejos de réclames d'outras classes e individuos de não somenos importancia. Ora os Pontos nos ii entendem que é de seu dever levantar a cortina, e mostrar aos seus leitores como sua alteza devia ter-se vestido para ir ao agrado de todos.

O Thomaz de Carvalho determinou uma rigorosa syndicancia no hospital Estephania, afim de se averiguar se, por accasião d'um assassinato ali ultimamente praticado, houvera desleixo ou cobardia por parte dos empregados d'aquelle estabelecimento.

Esta syndicancia representa a nosso ver tudo o que ha de mais original na historia antiga e moderna de todas as syndicancias!

Em primeiro lugar, não comprehendemos como demonio se possa produzir um claro apuramento da verdade, a não ser que o Thomaz de Carvalho se queira prestar a ser assassinado, assistindo pessoal-



mente a todas as peripecias do crime e tomando apontamentos na sua carteira dos empregados que lhe accodem e dos que dão ás de villa Diogo; editando, enfim, a espensas do proprio canastro, uma segunda edição do assassinio, para avaliar seguramente, depois de morto, todos os incidentes da edição primitiva...

Secundariamente e admittida a hypothese de que se averigue a cobardia dos empregados do hospital—sem que o Thomaz de Carvalho tenha de offerer a pança em holocausto á syndicancia—tencionará s. ex.ª castigar esses empregados?

Mas castigal-os porque, faz favor de nos dizer?

Por não se acharem habilitados com a precisa coragem para expôr o bandulho ás facadas d'um assassino?

Não nos parece que isso seja uma das exigencias do concurso para o emprego de enfermeiro...

Que ao enfermeiro não falte a coragem para arrumar uma duzia de ventosas sobre o figado do seu semelhante, vá que seja condição indispensavel; agora, que a mesma virtude lhe sobeje para levar igual numero de facadas sobre o proprio figado, isso lá nos parece exigencia demasiada...

Para applicar indifferentemente cataplasmas de linhaça na barriga d'um enfermo, e offerer, com a mesma indiferença, a sua barriga ás naifadas d'um fadista, é preciso ser doptado d'uma grande frieza pelas dores alheias e d'um desprezo ainda maior pelos proprios intestinos...

Se o Thomaz de Carvalho queria enfermeiros para quem a navalha fosse tão familiar como a mostarda dos sinapismos, não os educasse no convivio das enfermarias: fosse recrutar-os ás possilgas do Bairro Alto.

Mas ainda está a tempo de emendar a mão e nós aconselhamos-lhe que substitua os enfermeiros por fadistas.

Matar por matar, tanto matam uns como outros...

A humanidade enferma tem até tudo a lucrar com a execução de semelhante alvitre, porque, quando entrar alguém para o hospital, ferido com uma facada, o remedio é simples: vem o enfermeiro... e ferra-lhe outra facada no mesmo sitio.

Assim o ferido fica radical, prompta a homœopathicamente curado, porque lá assevera o lemma da homœopathia: *Simila cum similibus curantur* — que é assim como quem diz: «facada de fadista cura-se com facada do mesmo cão...»

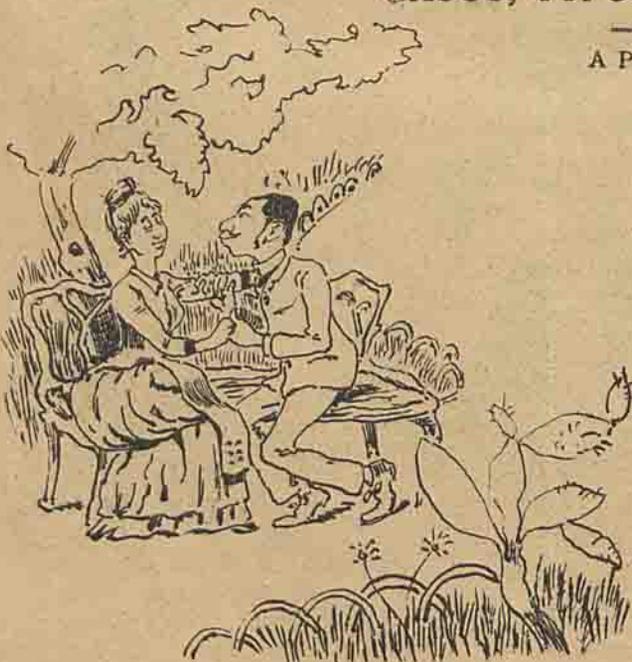
PAN-TARANTULA

SERRA SEM FIM

Toda a gente do tom — e sem tom —
— Dos mais nobres, aos typos mais vis
Já comprou e assegura que é bom
O Almanach dos Pontos nos ii.

CASOS, TYPOS E COSTUMES

A PULGA

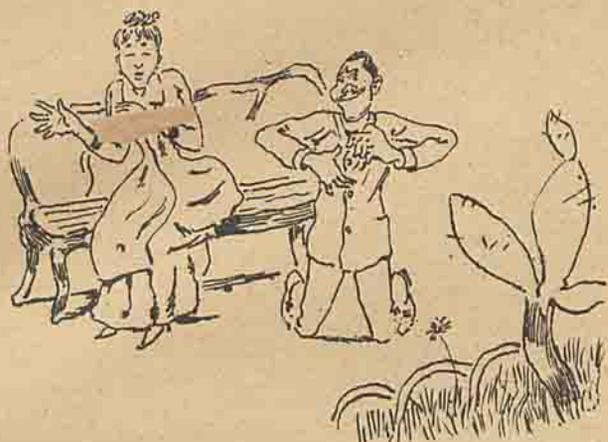


So co'a amante Aniceto se julga,
Mas—que sorte cruel, sorte amarga! —
Ao colloquio assistia uma pulga
—Uma pulga feroz que o não larga!



E' preciso arranjar um disfarce
Que consiga illudir o derraço,
P'ra poder á vontade coçar-se
Sem que a amante sequer dê por isso...

Ao sentir que a malvada lhe ferra
N'um joelho o aguçado ferrão,
Supplicante se lança por terra,
—P'ra coçar o joelho no chão...



Diz que o peito lhe abraza de affecto,
E, temendo que o peito transborde,
Põe a mão sobre o peito, Aniceto...
—P'ra livrar-se da pulga que o morde...



—Olha, tsmenia! que lindo!... Repara,
Como o sol toma a cor das papoilas!
E em quanto ella p'ra o sol volta a cara,
Coça-se elle no fim das cercoilas...



—Cá por dentro os miolos me cresta
Fogo tal que eu nem sei descrevel-o!...
E a fallar põe a mão sobre a testa,
—A coçar na raiz do cabello...



Faz á amante, (em sentido immoral)
E em voz baixa, diversas propostas...
—Tudo aquillo um pretexto, afinal,
P'ra coçar-se á vontade nas costas!



E soltando de dôr fundo ronco,
Em cruel situação, das mais falsas,
Tem até de assentar-se n'um tronco
P'ra coçar os fundilhos das calças!



Transformado da pulga em débique,
Senta o corpo com tal comichão,
Que afinal até finge um chillique
P'ra poder rebolar-se no chão!!!

NAS FESTAS DA NAZARETH



—O' Zé! para onde vaes?
 —Vou para a Nazareth!...

—O' Zé! D'onde vens?
 —Venho da Nazareth!...



—Para onde vaes, ó tu?
 —Vou para o Poder!...

—E tu, donde é que vens?
 —Venho do Poder!...

RAPHELA BOGNER, 10 Junho 86